

O ESPAÇO E AS MORTES EM *MORTE E VIDA SEVERINA* DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

*José Elias PINHEIRO NETO**

*Maria Imaculada CAVALCANTE***

Resumo: A busca constante à pesquisa, a concatenação entre as disciplinas Letras e Geografia e a caracterização dos saberes literário e geográfico despertaram uma preocupação com a jornada de Severino, o protagonista retirante que sai do centro do país, região seca, em busca de renovar suas esperanças na luta contra a morte. Este trabalho apresenta características sobre o poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto. O artigo se desenvolve primeiramente numa tentativa de conceituar o espaço dentro da geografia cultural, segue descrevendo o autor e a obra e, por último, aborda um estudo da literatura regional brasileira, contextualizando espaço e tempo.

Palavras-chave: Morte. Severina. Espaço. Tempo.

Abstract: The search for the research in the concatenation between the disciplines of Literature and Geography and the characterization of literary and geographic knowledge is aroused a preoccupation with the journey of Severino leaving the center of the country, a dry region in search of renewing his hope in the fight against death. This paper presents characteristics about the poem *Morte e Vida Severina*, written by João Cabral de Melo Neto. The article is developed, first in an attempt to conceptualize the space inside the cultural geography, describing the author and his work. Finally it discusses a study of Brazil's regional literature, contextualizing space and time.

Keywords: Death. Severina. Space. Time.

1. Introdução

Um dos objetivos deste artigo é a interdisciplinaridade entre as áreas de Letras e Geografia. A primeira tem como escopo uma retomada literária buscando as mais variadas formas de como se utiliza esse recurso para abordar o social e a natureza humana. A outra propõe um estudo abordando aspectos atuais relevantes à geografia cultural como o espaço, no qual o viajante cumpre, no poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto. Essa junção já é estudada por outros autores como bem preleciona

* Professor do Curso de LETRAS na Universidade Estadual de Goiás. Mestrando em Geografia – Trabalho e Movimentos sociais CAC/UFG. E-mail: joseeliaspinheiro@hotmail.com

** Professora Doutora do Curso de Letras e do Mestrado em Geografia do Campus Catalão – UFG. E-mail: imaculadacavalcante@bol.com.br

Moreira (2007, p. 143) “A relação entre geografia, história e letras não é só possível, como de fato existe. E o que embasa essa relação é a categoria do espaço [...] Porque não existe tempo fora do espaço, e espaço fora do tempo, uma vez que o real é o espaço-temporal”. Essa realidade quer dizer que um romance precisa ser analisado na estrutura da sociedade concreta, lugar de desenvolvimento da trama e da vida dos personagens.

Então, aqui não consideraremos o espaço como ciência única da aplicação no romance, mas também, uma união temporal do protagonista e do poema. Se daquela forma fosse, melhor análise para ele seria feita por Bachelard (2008, p.23) quando diz “Para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente um ser privilegiado; isso, é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental.” As diversas imagens que casa nos fornece indicam seu valor concreto e refaz em nossas mentes todas as casas que encontramos ou como abrigo, ou que queremos morar, mas está intrínseco no seu valor a forma de como todas as outras têm em sua essência básica que é a habitação. Não se trata de traçar suas características, descrevê-las, mais sim de entender suas virtudes primárias.

Para melhor compreendermos o espaço interior, temos que pensá-lo em relação ao espaço exterior. Segundo Bachelard (2008, p. 215) estabelece-se uma dialética entre o exterior e o interior, que “tem a nitidez decisiva do *sim* e do *não*, que tudo decide”. A casa representa o interior, é metáfora do espaço fechado. No drama em estudo temos a presença tanto do espaço exterior quanto do interior. A travessia empreendida por Severino do sertão até o litoral se dá em espaço aberto, mas a travessia do “ser” de Severino ao encontro de si mesmo se dá no interior, no âmbito da memória, do raciocínio. Essa dupla travessia estabelece a dialética apresentada por Bachelard. Para ele, “o filósofo, com o interior e o exterior, pensa o ser e o não-ser” (BACHELARD, 2008, p. 215). Desde o título encontramos esse jogo dialético, pois morte se opõe a vida, o não ser passa a ser. É interessante observar que os substantivos estão colocados em uma aparente inversão, pois, em uma dimensão temporal e linear teríamos vida e morte, mas a construção do drama retrata a morte durante todo o percurso de Severino, fazendo-o pensar na morte, mas no final tudo se transforma em vida, em possibilidade. Temos, nesse caso, a passagem do não-ser para o ser, do desconhecimento para o conhecimento, da desesperança para a esperança, do exterior para o interior, da vastidão do sertão e da zona da mata para o aconchego da casa de Seu José, mestre carpina.

O nome Severino, segundo Claudino (1993) é proveniente do latim e significa filho de Severo e Severo vem a significar sério, rigoroso, austero e grave. Severino é filho da seca, do sertão rigoroso e austero que o faz

viver em constante luta para a sobrevivência. Severino, também, é um nome dialético, pois de substantivo próprio passa a substantivo comum e, posteriormente para adjetivo. O nome “Severino” identifica um ser e é a representação da condição de vida de todos os nordestinos que vivem na dureza do sertão, *severina* é a vida e também a morte descrita por João Cabral de Melo Neto e, por último, *severino* é a denominação dos homens nascidos no nordeste; portanto, deixa de ser um traço identificador e subjetivo, para se tornar plural, para identificar toda uma sociedade, colocando todos na mesma condição de homens quase sem perspectiva de vida, sempre lutando às duras penas e vivendo mais na morte que na vida.

Morte e vida severina é um poema dramático e apresenta o percurso do retirante Severino, partindo da morte no sertão para encontrar a vida na cidade do Recife. Tece um rosário em sua viagem, seguindo o curso do rio Capibaribe, desde sua nascente até sua chegada ao mar. Tanto a morte quanto a vida são *severinas*, dos *Severinos* quase anônimos do sertão nordestino. Trata-se, também, de como a face da morte se apresenta ao sertanejo. Podemos classificá-la em três formas: matada, morrida e a que se vive em vida. Retrata com tamanha simplicidade a dureza da vida do retirante nordestino que sai em busca de uma vida que não lhe seja tão dura. Com isso, necessário se faz um estudo baseado dentro dos aspectos geográficos e literários direcionados ao personagem, espaço e meio cultural para uma melhor explicação dessas características tão ricamente apresentadas no poema.

2. Espaço

Definir o que venha ser espaço é muito difícil, não obstante a essa assertiva seu estudo torna-se um grande mister na vida de qualquer pesquisador que queira entender o processo fenomenológico da ciência humana. Mais precisamente, nas últimas décadas, os maiores estudiosos sobre o conceito são os geógrafos. E eles entraram num grande embate quando do desenvolvimento deste estudo, por ser a conceituação deste uma árdua missão. Em linhas gerais podemos definir o espaço como o local onde ocorre todo fato resultante da introspecção humana, sendo que essa intromissão tanto pode ser real ou imaginada. Esse lugar é definido pelo conjunto de posições formadoras do sistema universal em que vivemos, tal como qualquer parte do mundo que pode ser listada pela ciência, esse conceito poderia abranger, não na totalidade, mas tentar explicar o que seria espaço.

Para melhor entendimento do espaço em *Morte e Vida Severina* é necessária a classificação de todos os elementos constituintes e integrantes do espaço. O espaço representado pela vegetação, pelo clima, pelo relevo dentre outros; resultam na miscigenação e na homogeneização dos elementos naturais no corpo do drama de Cabral, obtendo um complexo formador da

parte integrante do todo, formando o sertão nordestino. Por outro lado, temos também o espaço humanizado e modificado pelo homem, a exemplo disso, quando Severino chega à capital Recife, especialmente em um cais do Capibaribe. Milton Santos (2006, p. 62) afirma que

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada.

Quando nos referimos a uma nova temática acerca desse estudo podemos caracterizá-lo como espaço hierárquico, resultado do desenvolvimento de um lugar para outro em tempos diferentes, a junção das atividades, dos bens adquiridos e dos serviços disponíveis que não são iguais para as pessoas que vivem em vários lugares. É o espaço não homogêneo. E o que mais nos interessa nesse aspecto é o descrito pela geografia cultural, quando analisa o espaço em relação ao homem, demonstrando ser o local onde todo e qualquer ser, inclusive o humano, busca um em relação com o outro, traçar afetividades subjugadas ou pelo respeito ou pelo temor uns dos outros. A formação da religiosidade, da intelectualidade ou dos aspectos culturais demonstra o conjunto natural do que venha ser o espaço na sociedade. Como bem preleciona Santos (1986, p. 120)

Mas quando então a nossa curiosidade se transfere para o espaço humano, enormes dificuldades se levantam porque ele é a morada do homem, é o seu lugar de vida e de trabalho. [...] Que é, então, o espaço do homem? É o espaço geográfico, pode-se responder. Mas o que é esse espaço geográfico? Sua definição é árdua, porque a sua tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social.

Então, como se vê, existe aqui uma enorme celeuma na tentativa de conceituar espaço. De qualquer forma seu estudo é de grande importância para a caracterização do que ocorre em nosso meio. É a concatenação do que se realiza dentro da sociedade, como concreto e/ou abstrato, fatos ocorridos dentro de um período do passado ou da atualidade.

3. Autor

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade do Recife, Estado do Pernambuco, no dia 09 de janeiro de 1920, filho de Antônio Cabral de

Melo e Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo. É primo de Manuel Bandeira e Gilberto Freyre. Sua infância passou em engenhos de açúcar em São Lourenço da Mata e Moreno. Em 1940, numa viagem para o Rio de Janeiro, conhece alguns intelectuais no consultório de Jorge de Lima, volta e participa de um Congresso de Poesia na capital pernambucana apresentando o texto *Considerações sobre o poeta dormindo*.

Em 1942 publica seu primeiro livro intitulado *Pedra do Sono*; freqüente, então, os Cafés “Amarelinho” e “Vermelinho”, no centro do Rio de Janeiro, onde se reuniam os intelectuais da época. A crítica afirma que *Pedra do Sono* já prenuncia a força da produção poética de Cabral. Segundo Oliveira (1994, p. 17) em *Pedra do sono* “seu grande objetivo será a busca do “sol da saúde” através de uma poesia clara, com tendências à objetivação do poema, num projeto de rigor, de consciência, capaz de descobrir qualquer véu que obscureça o *dizer poético*”. Seu primeiro livro vem aparecer em um momento em que a literatura dos modernistas de 22 está consolidada. Nesse momento, o que importa é a diferença, a busca de um estilo individual dentro do quadro nacional, composto por poetas de grande expressividade como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Cecília Meireles, dentre outros.

Em 1943 publica *Os três mal-amados* na Revista do Brasil. Para Costa Lima (1995), a obra possui uma forte influência da poesia de Drummond, mesmo em prosa, ela ensaia o seu desenvolvimento do verso, estabelecendo uma vigorosa atração pela organização do concreto. Já *O engenheiro* (1945) representa um avanço na produção do poeta, é o momento da maturidade estética. Participa de um concurso para a carreira diplomática sendo nomeado em dezembro de 1945 e casa-se com Stella Maria Barbosa de Oliveira. Mora na Catalunha, na Espanha, trabalhando como vice-cônsul. Em 1947 publica *Psicologia da composição*, uma obra equilibrada, com uma linguagem rigorosa, é a presença definitiva de um estilo limpo e funcional. Em 1950, publica *O cão sem plumas*, já morando em Londres. A obra é considerada uma das mais belas de Cabral.

Após algum tempo na Europa ele tem que voltar ao Brasil sob a acusação de subversão; o processo é arquivado posteriormente; porém, ele só retorna à diplomacia por ordem do Supremo Tribunal Federal e nesse período escreve *O rio*. Oliveira (1994) nos informa que para a elaboração de *O rio*, Cabral fez pesquisas sobre a geografia do percurso do rio Capibaribe, pois a voz dos poemas é expressa pelo rio. Segundo a crítica, a “técnica usada é o inverso da *“arte mayor”* castelhana, uma espécie de técnica, ao contrário da ladainha, onde os versos pares são variáveis e os ímpares iguais” (OLIVEIRA, 1994, p. 17)

Em 1955 publica, pela Editora José Olympio, *Duas águas*. A obra é uma junção de *Morte e Vida Severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma face só lá-*

mina. Costa Lima (1995) esclarece que o título *Duas águas* decorre de duas maneiras de se relacionar com os poemas, parte deles são para serem lidos e parte para serem ouvidos, como é o caso de *Morte e Vida Severina*, um auto de natal feito para ser encenado, portanto, melhor a condição de espectador que de leitor. *Paisagem com figuras* é uma poesia em que a presença da Espanha é marcante, apesar da presença do Recife. Alias, essa relação Brasil e Espanha é recorrente em outras obras do poeta. *Uma faca só lâmina* é para ser lido e pensado, ele permite várias leituras pelo uso de imagens fortes como “bala, relógio e faca”, tratando de “uma mesma imagem, cuja tríplice nomeação resulta do esforço do criador em assegurar um signo sempre mais próximo da sua intenção significativa” (COSTA LIMA, 1995, p. 290).

Após a publicação do livro volta para Barcelona como cônsul adjunto, com a missão de pesquisador. Em 1958 vai morar em Marselha depois retorna à cidade do Recife para receber o prêmio no Festival de Teatro do Estudante. Em Madri publica dois livros *Quaderna* e *Dois parlamentos*, ambos em 1960. *Quaderna* foi dedicado a Murilo Mendes e essa dedicação é uma forma de mostrar um certo envolvimento com o Surrealismo, através de um jogo de linguagem bem elaborado e da utilização de metáforas insólitas, bem ao estilo de Murilo. *Dois parlamentos* é composto por apenas dois poemas sobre Pernambuco, um fala sobre a zona da seca e o outro sobre a zona da mata. O que surpreende nos poemas “é o humor negro que o autor usa diante da miséria” (OLIVEIRA, 1994, p. 20).

Cabral volta para Brasília, em 1961, e é nomeado chefe de gabinete do ministro da Agricultura, ficando pouco tempo, quando retorna para Madri. Tem publicado os ainda inéditos no Brasil *Quaderna* e *Dois parlamentos* e o novo *Serial*, livro em que o poeta demonstra uma preocupação com a estrutura, pois ele apresenta poemas organizados a partir do numeral quatro. Todos os poemas possuem quatro partes e cada parte quatro versos.

Com o livro *A educação pela pedra* (1961) recebe o prêmio Jabuti. A estrutura do livro segue a linha de *Serial*. Para além da temática, existe um arranjo meticulosamente ordenado. E logo após, em 1967, morando em Barcelona e trabalhando como cônsul geral, publica a primeira edição de *Poesias completas* e, no ano seguinte, é eleito para a Academia Brasileira de Letras substituindo Assis de Chateaubriand, recebendo a cadeira de número seis. Após a publicação de *Antologia poesia crítica* é agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Em 1975 publica *Museu de tudo*, uma obra que reúne poemas soltos, fugindo ao rigorismo dos dois livros publicados anteriormente. Em 1979 publica *A escola das facas*. E publica um livro que foi escrito em Tegucigalpa intitulado *Auto do frade* (1982). Nesse *Auto* o poeta reivindica para frei Caneca o mérito pela instalação da República do Brasil. Em 1985, publica os poemas de *Agrestes* e em 1986, recebe o título de Doutor *Honoris Causa* da

Universidade Federal do Pernambuco. Nesse mesmo ano falece sua esposa, então João Cabral volta para Portugal e casa-se com Marly de Oliveira.

Em 1987, publica um livro de poemas com o nome *Crime na calle relator*. O livro é composto por poemas narrativos e, segundo Oliveira (1994, p. 23) “todos os fatos narrados são reais, contados por outrem ou de que participou anos atrás”. Nesse ano volta ao Rio de Janeiro. Em 1988, no Recife, lança *Antologia poemas pernambucanos* e o segundo volume de *Poesias completas: Museu de tudo e depois*.

Em 1990, aposenta-se como embaixador e publica *Sevilha andando* “de modo novo retoma temas antigos, porque Sevilha foi a cidade com que sempre se identificou, a ponto de dizer que é preciso ‘sevilhar’ o mundo” (OLIVEIRA, 1994, p. 23). Nesse ano entra para a Academia Pernambucana de Letras e recebe vários prêmios literários.

Nessa época o autor revela que pararia de escrever, sofria de uma doença degenerativa que não tinha cura e uma interminável dor de cabeça. Então entra em cena sua esposa que reproduz alguns de seus textos, principalmente com o intuito de livrá-lo da depressão. Dentre os principais prêmios recebidos destaca-se o “Luis de Camões”; esse é tido como o mais importante concedido a escritores da Língua Portuguesa. Morre aos 79 anos de idade, em 1999, um dos maiores poetas brasileiros, aquele que soube falar sabiamente da morte ainda em tenra idade, principalmente da morte *severina*, retirante, bravamente combatida por fortes homens.

4. A obra

O livro *Duas águas* foi publicado pela primeira vez em 1956. Nele está inserido o trabalho *Morte e Vida Severina*, uma obra encomendada por Maria Clara Machado para uma peça de tablado e somente fora encenada anos depois, com música de Chico Buarque. A obra tem também outros escritos que foram assim divididos: Primeira água: *Pedra do sono, O engenheiro, Psicologia da composição, O cão sem plumas, Uma faca só lâmina e Paisagem com figuras*. Já na segunda água ficaram: *Os três mal-amados, O rio e Morte e Vida Severina*. O livro tem uma dicotomia sendo a primeira uma parte difícil e outra fácil. Mesmo dentro dessa diferença atende a uma perspectiva de construção pela qual o poeta distancia de si alguns sentimentos, isso devido a um rompimento que o autor fez com sua geração passando a pertencer à geração de 45, e o que varia de uma para outra é o grau de construtividade, porque na segunda parte existe um adensamento temático e ao mesmo tempo um controle lógico e sistemático do mecanismo das imagens.

Em *Morte e Vida Severina* o autor escreveu uma obra para o povo e por isso com o seu linguajar totalmente popular. Não se preocupou, então, em decassílabos ou qualquer outro estilo metafóricamente culto. O povo

sente-se representado nesse romanceiro popular. *Morte e Vida Severina* está dividido em 18 trechos, ao longo dos quais Severino descreve – juntamente com outros personagens – um rosário, mostrando uma enorme jornada que sai da nascente do rio Capibaribe até seu encontro com o mar e a chegada na cidade do Recife. O auto representa um pastoril, primeiramente, com seu suprimimento da oralidade e uma perspectiva teatral apresentando um gênero narrativo quando concatena suas cenas e os episódios que se sucedem, depois, dramático, esta de forma mais ampla na demonstração e no desenrolar das cenas teatrais.

Severino, nosso protagonista, é nome dado com grande frequência aos nascidos na região nordestina e no texto passa de substantivo próprio a substantivo comum porque de identificação individual transforma-se em coletiva, resumindo não mais um ser, mas toda uma sociedade. Ainda transforma-se em adjetivo porque qualifica a existência negada, demonstrando toda uma nação de sofredores que busca, a cada dia sobreviver, mesmo dentro de uma penúria exacerbada, no texto conhecida como *vida severina*. Mesmo assim, a maestria do autor retoma a vida identificando-a em vários momentos, como um auto de natal pernambucano e está evidenciado no texto quando o retirante aproxima-se do morador de um dos mocambos, que existem entre o cais e a água do rio, de nome José. Cabral faz, nesse momento, uma alusão ao pai de Jesus Cristo e corrobora na fala do personagem que diz: “Severino retirante, sou de Nazaré da Mata [...]” (MELO NETO, 2007, p. 123) mostrando a cidade natal do Salvador. Isto acontece no momento em que o retirante pensava em acabar com a própria vida, planejando lançar-se ao fundo do rio. No meio dessa conversa, ouve-se o grito de uma mulher saudando a vida que se faz presente, pois o filho de Seu José, de *Nazaré da Mata*, acabara de nascer. Então, a resposta é dada ao protagonista que vê os presentes chegarem ao recém-nascido. A resposta é a força da vida que persiste em se fazer presente. O nascimento do menino é a esperança de todos os *severinos* do sertão nordestino.

Morte e Vida Severina é a obra mais conhecida de João Cabral de Melo Neto e tem sido encenada no Brasil e fora, por profissionais e amadores e sempre provocando o fascínio e a catarse. Como peça teatral ela realiza a sua função de espetáculo emocionante, seguindo a tradição do teatro e também da poesia.

O personagem central do drama é Severino, um homem de características fortes, assim como todos os retirantes migrantes em busca da sobrevivência. Ele parte para a capital Recife, zona da mata, assim conhecida por tempos atrás ser o local coberto pela mata atlântica. Essa saída é uma fuga da região árida, acalentada pelas faces da morte como forma de findar o sofrimento humano. Na outra ponta de sua jornada, ele acredita que a luta é mais humana, que a vida é realmente vida e não somente *severina*.

Na viagem em busca pela vida Severino encontra, na maioria das vezes, uma antítese do vocábulo. Vê por vários lugares uma companhia habitual, a morte e suas nuances, as quais levam o homem aos lugares proibidos da mente pela religiosidade, tal como o pensamento suicida. Em seu primeiro encontro com a morte ele vê dois homens carregando uma rede amparada por um pedaço de madeira, conhecido como bangüê, que levam um morto. Severino pára e questiona ao cortejo sobre o fim do vivente e este lhe responde que aquele fora assassinado pelo simples fato de querer aumentar suas terras num lugar onde o conceito de produtividade é muito difícil de ser alcançado pela dureza do chão. O homem tira a vida do outro e mostra ao nosso protagonista a face da morte matada.

Ainda assim Severino segue seu caminho por onde parece ser uma estrada, mas é, na verdade, o leito do rio Capibaribe que no verão descumpre sua sina, fenômeno que acontece com todos rios que são intermitentes e faz o protagonista sentir medo, uma vez que, nem a própria natureza alcança seu propósito. Ao longe se ouve uma ladainha e percebe que ali encomenda-se uma pobre alma que deixou a matéria. Decide parar sua viagem e trabalhar naquele lugar, porém, seu ofício de exímio lavrador de terra dura não tem serventia. Uma mulher lhe revela que somente se ganha dinheiro com profissões relacionadas à morte como: rezadeiras e coveiros. Estas atividades garantem o sustento daqueles que não são acometidos pela morte. Neste trecho da peça o personagem central encontra a morte morrida, que é morrer de velhice antes dos trinta anos de idade. E mais, essa é a que ataca até gente ainda não nascida.

Como não há trabalho ele vai rumo ao seu destino, chegando à zona da mata, deslumbrado com a maciez e a doçura da terra. Imagina agora poder desempenhar seu labor, se consegue plantar na dureza do sertão, então aqui, essa será a menor de suas missões. Numa retomada ao início de sua jornada, bem ao contrário do que se vê nesse momento, porque como não enxerga ninguém acredita que a vida nesse lugar é tão satisfatória ao ponto das pessoas não conhecerem a morte, ainda mais aquela que viveu em passos anteriores, conhecida como vida *severina*, traduzida pela morte que se vive em vida, que se morre de fome um pouco por dia. Em busca do nirvana percebe que, não com tanto sofrimento, mas na umidade da maresia a morte também é um fim inevitável, vendo o enterro de uma pessoa que trabalhava na agricultura da zona da mata. Ouve aqueles que conduzem o corpo dizerem que naquele lugar encontra-se o descanso final. O acreditar na perfeição é imediatamente desfeito e Severino percebe que ali também as pessoas têm problemas vitais, resultando naquilo que ele bem vive em seu lugar. Conclui, então, que a única parte que lhe cabe na produtiva terra é apenas um buraco cavado a sete palmos de profundidade.

O sertanejo, com intuito de terminar sua viagem, vai em direção à

capital Recife. Cansado, senta-se para uma pausa, ocasião em que escuta quando dois profissionais da morte redundam que todos os interioranos que saem de seus lares em busca da esperança, estão, na verdade, alcançando o bem final, o inevitável, sua jornada é na verdade seu próprio cortejo, pois naquele lugar a única coisa que vai encontrar é o cemitério. O homem que sempre quis o mínimo que a vida pode lhe oferecer, desespere-se e acredita que realmente, dentro em breve, será como aqueles coitados que foram vistos anteriormente.

Perdido em seus pensamentos aparece-lhe José, mestre carpina, pessoa que reside por ali, vivendo entre o rio e o mar. Este ouve do retirante sua intenção de ir ao encontro da morte, de deitar-se no fundo do rio e *viver* eternamente na umidade, assim ninguém poderia arrancar de seu corpo o frescor e a maciez da água. O mestre carpina fala a Severino que é válida a luta pela vida em qualquer lugar, mesmo sendo ela *severina*. Ele retruca que não existe diferença entre vida e morte e que em qualquer momento, numa noite, pular fora da ponte da vida é mera formalidade. Nesse devaneio ele mostra seu dilema – tanto faz estar vivo *severinamente* ou morto.

Então ouve um grito de mulher avisando que acabara de nascer o filho de José, momento em que conhecidos e vizinhos aparecem com vários presentes para aquele que renova a esperança da vida. Entre essas pessoas estão duas ciganas que exercem seus ofícios, realizando uma previsão para o que agora se fez, dizendo que o filho de José se desenvolverá e fará escola com os bichos e ,após isso, vai trabalhar numa fábrica e, *quiçá*, morará em um local melhor do que esse que agora nasce. Eis um dos sentidos da vida. Para ninguém é dado nascer e morrer como veio, se Severino busca viver melhor, aqueles que ali nascem também o fazem. Ao testemunhar o nascimento refaz-se a vida em Severino. Mestre carpina, após o momento de euforia, volta ao homem e responde que definir com palavras se existe diferença entre a vida e a morte é muito difícil, mas ainda melhor, é ver que a vida se faz, respondendo a todas as questões e que pode, deve e precisa ser vivida, sob todas as circunstancias ela realmente vale a pena, mesmo que seja *severina*.

Segundo Oliveira (1994, p. 18)

Morte e vida severina é uma homenagem às várias literaturas ibéricas: os monólogos do Retirante têm em comum com o romancero ibérico o uso do heptassílabo e a assonância; cena do Irmão das Almas homenageia o romance catalão do conde Arnaut; a cena do velório é pernambucana; a da mulher na janela é um poema narrativo em português arcaico incorporado ao folclore pernambucano. A cena dos coveiros é, curiosamente, escrita em verso livre, quem sabe com a intenção de continuar, de levar adiante uma conquista modernista. O diálogo do retirante com Mestre Carpina segue os processos da tenção galega; o resto é “romance” castelhano. O

nascimento de Cristo se tornou um fato realista; a cena dos presentes, como outras, tem relação com os autos pernambucanos do século passado (século XIX). As ciganas estão nos autos antigos, prevendo o futuro nascimento da criança. Estão em Pereira da Costa, na obra sobre o folclore pernambucano.

A análise da estrutura do drama cabralino feita por Oliveira (1994) mostra bem essa capacidade do poeta em assimilar a produção literária da tradição e inová-la, colocando em questão a poesia. Retomando a tradição, Cabral rompe com a mesma para recriar uma nova forma de expressão. O velho se reveste de novo à medida que a ambientação do poema revela questões sociais vividas pelos pobres do nordeste. *Morte e Vida Severina* tem como subtítulo “Auto de natal pernambucano” e essa transposição do nascimento de Cristo para os manguesais do Recife atualiza o gênero, dando ao auto uma nova dimensão estética. Longe de tratar da temática religiosa, o poeta se prende ao social, denunciando as mazelas do povo pernambucano.

5. Severino no trajeto para a água

Falar das características espaciais em *Morte e Vida Severina* olvidando-se das temporais seria um equívoco muito grande, pois, essas especificidades apresentam-se miscigenadas. Esses reflexos são vistos no protagonista Severino. Buscaremos, em primeiro plano, centrá-los na obra de João Cabral de Melo Neto. Em se tratando do tempo, ele não aparece de forma sistemática no texto, podemos dizer que sua cronologia não é determinada. Porém, o autor usa a estação da seca para delimitar o tempo em que ocorrera toda a jornada, enquanto o espaço é demarcado concretamente e, principalmente abstratamente. Severino percorreu um grande caminho, descrevendo de forma real e concreta seu caminho, mas nesse trajeto do agreste até a capital Recife, psicologicamente, nosso protagonista vai, efetivamente, em busca da vida e, diferente do que pensava pelo caminho, ele somente encontra mais e mais mortes, pensando então em desistir da luta se atirando ao rio para fazer dele seu leito de morte. Isso seria uma volta muito rápida aos seus primeiros pensamentos e uma forma de ir ao encontro com o que de fato ele fugia: a morte.

O poema inicia com a apresentação de Severino e, no processo de auto-identificação, o personagem apresenta-nos a sua localização espacial. Vejamos: “é o Severino / da Maria do Zacarias / lá da serra da Costela, / limites da Paraíba” (MELO NETO, 2007, p. 91). A partir dessa identificação podemos mapear o percurso de Severino desde a serra da Costela até a cidade do Recife. E a descrição desse espaço combina com o aspecto físico dos vários *severinos* retirantes: “vivendo na mesma serra / magra e ossuda em que eu vivia” (MELO NETO, 2007, p. 92). Cabral dá um significado especial ao espaço em sua obra, relacionando o sertanejo com o espaço vivido,

numa perspectiva que é ao mesmo tempo realista e mítica. Com uma intensa capacidade de penetrar na alma do retirante.

O espaço vivido pelos personagens é um mundo simples, lugar de mísero conforto e pouca comida e, no entanto, possui uma força mítica, ocultando e revelando suas ações e desejos. A linguagem usada pelo contista para determinar o personagem e o espaço expressa os aspectos múltiplos que apreendem a realidade, criando o mais humilde e prosaico cotidiano. Para Yi-fu Tuan (2005, p. 223) “As pessoas da zona rural estão expostas tanto ao lado rude como suave da natureza. O rigor da natureza é raramente representado nos croquis geográficos das cenas campestres, exceto quando o assunto é o povoamento da fronteira”. A tendência em transformar o sertão em lugar idílico, propicia uma visão romântica do mesmo, como se o homem, vivendo em contato direto com a natureza, fosse o mais sublime dos seres. Essa visão, quase sempre camufla a atmosfera de violência da zona rural. Em *Morte e Vida Severina* Cabral utiliza-se da literatura para denunciar a violência sofrida pelo homem rural, apresentada de todas as formas, tanto natural quanto física, moral e psicológica. A violência causada pela pobreza, pela cobiça, pela falta de assistência, pelas condições climáticas faz com que o personagem principal se depare o tempo todo com a morte.

Ainda na primeira parte, a da identificação da personagem, um dos elementos que faz de Severino a representação de todos os sertanejos nordestinos é a morte, pois “E somos Severinos / iguais em tudo na vida, morreremos de morte igual, / mesma morte Severina” (MELO NETO, 2007, p. 92). É justamente nesse momento que o protagonista tem seus encontros com as diferentes faces assumidas pela morte. A primeira morte é a da emboscada. Severino encontra e conversa com dois homens que carregam um defunto numa rede. Nessa conversa torna-se claro que esse tipo de morte acontece com frequência e o protagonista faz uma denúncia daqueles que abusam do poder: ela ocorre para que a terra do pobre seja tomada por posse ilegal e os mandantes fiquem impunes da justiça do homem, como vemos no trecho descrito abaixo

- Até que não foi morrida,
irmão das almas,
essa foi morte matada,
numa emboscada.

[...]

- E o que havia ele feito
irmão das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?

- Ter uns hectares de terra,
irmão das almas,
de pedra e arcia lavada que cultivava.

[...]

E era grande sua lavoura,
irmão das almas,
lavoura de muitas covas, tão cobiçada?
(MELO NETO, 2007, p. 94/95).

João Cabral de Melo Neto, já na década de 50, período em que a obra foi publicada pela primeira vez, faz uma denúncia da grilagem de terras por poderosos e deixa nuances de que a única justiça esperada seria somente a Divina. Santos (2007, p. 134) afirma que o território brasileiro continua a ser palco de interesses conflitantes, “o território manterá o seu papel atualmente perverso, não apenas alojando, mas na verdade criando cidadãos desiguais, não apenas pelo seu lugar na produção, mas também em função do lugar onde vivem”. O modo de organização de nossas propriedades rurais, nos anos 50, reproduz-se, ainda, dentro de um sistema bastante feudal. Nesse espaço só os *melhores* vencem. É um lugar onde ainda existe o coronelismo, os melhores de situação econômica são os mais fortes com um poder absoluto.

Outro tipo na qual a morte apresenta sua face, naquela região, é a da própria natureza dura e seca do sertão. Quando ele sai em busca de uma vida mais fácil, mesmo não sabendo o caminho, crê que sua salvação seria o rio Capibaribe. No entanto, ele o encontra seco demonstrando, assim, a dureza da vida do sertanejo. Nesse ínterim, teme perder o rumo de sua jornada e então ouve uma cantoria e se depara com um velório. Essas variadas faces da morte o autor descreve no trecho

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
(MELO NETO, 2007, p. 92)

E o fim do sertanejo é por morte matada ou morte morrida, emboscada ou velhice antes dos trinta. E mais, ataca mesmo até gente não nascida. Nesse momento o sertanejo interrompe sua viagem e ensimesmado retoma as razões de sua partida. Está em busca de vida e tenta esconder a sua própria, ultrapassar os trinta anos de idade, mendigando para a humanidade sua própria sobrevivência.

Os movimentos sociais já seriam introduzidos no contexto daquela época em função de proteger os pequenos lavradores que buscavam seu sustento se, não efetivamente, mas com referencial teórico para futura instituição. O tempo e o espaço anteriormente descritos servem de pontos referenciais para aumentar a denúncia que o autor tão corajosamente em remotas épocas relata. Não inoportunamente na citação constatamos uma outra face da morte apresentada ao nosso protagonista: a morte morrida, que o autor descreve como sendo aquela que chega antes dos trinta anos de idade, enfatizando ser essa que se morre de fome um pouco a cada dia.

Diante da *via crucis* em que enfrenta Severino passando por variadas formas da morte, inclusive pensando em acabar com a própria vida e fazer do rio Capibaribe seu leito eterno, aparece simbólica e contrariamente ao disposto o nascimento do filho de José, mestre carpina, características que autor usou no poema para defini-lo como um auto de natal de Pernambuco.

Segundo Borges Filho (2007, p. 37) “o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira”. Para ele o espaço pode transformar a personagem, o seu “estado psíquico encontra ressonância na natureza. A natureza reforça a ação da personagem, propiciando uma extrema coesão e coerência dentro da narrativa” (BORGES FILHO, 2007, p. 51). Não é gratuita a intenção de Severino em dar cabo da própria vida. A natureza inóspita determina suas atitudes e só o milagre da vida faz com que ele desista de sua intenção. A travessia empreendida pelo protagonista é também uma travessia de esperança, a mudança da paisagem, a presença da água dá uma dimensão simbólica ao texto.

Para Severino, em dado momento, mais precisamente na terceira parte da obra, acredita ser o rio Capibaribe seu guia e o vê seco, naquela parte aparece-lhe morto, pensando em interromper sua viagem escuta ao longe uma cantoria que o faz seguir. E na décima primeira parte certifica-se de que a morte acompanhou-o durante todo trajeto seco, sendo uma anfitriã, também se mostrando na umidade, crendo que na verdade seguiu seu próprio cortejo “o rio daria uma mortalha / e até um macio caixão de água” (MELO NETO, 2007, p 118). O texto apresenta a idéia do suicídio e continua “caixão macio de lama, / mortalha macia e líquida, / coroas de baronesa / junto com flores de aninga, / e aquele acompanhamento / de água que sempre desfila / (que o rio, aqui no Recife, / não seca, vai toda a vida).” (MELO NETO, 2007, p. 120). Assim, existe uma relação muito estreita entre o sertão e a zona da mata para a saga de Severino, que é a morte dada aos seres que ali habitam, e se modificam apenas na duração *pos mortem* dos corpos que se mantêm um pouco mais na maciez da brisa marítima e se deterioram mais rapidamente na dureza do sertão.

Barbosa (2008) escreve que “quando nasce o filho de José, o autor

faz uma clara alusão ao nascimento de Jesus intitulado essa parte do poema como O presépio ou O encontro com a vida”. Retoma uma outra história, a da redenção, em que o filho de Maria nasce como redentor da humanidade, e para Severino aquele nascimento representa uma forma que reacende a esperança de vida que, na verdade, é reverenciada pelo poema *Morte e Vida e Severina*, daí suas características com a história do nascimento de Cristo, reavivar no homem a esperança de um novo dia, de confiar na vida, mesmo ela sendo *severina*.

6. Considerações finais

Este poema nos traz uma riqueza lingüística, literária e geográfica instigando qualquer pesquisador a buscar a leitura e o desenvolvimento da pesquisa. O autor do poema usa neologismos que se tornam palavras do cotidiano brasileiro. Exemplo disso é que traduz severino para identificar todos os sertanejos e sofredores do Brasil. Todos numa mesma luta *severina*.

O sertanejo é um bravo, um sobrevivente, que busca cada dia defender seu território. Existe um conflito social no qual a força do capitalismo corrobora o pedido do grande deixando o camponês sempre em segundo plano e concentrando a terra nas mãos de poucos. O que torna um pouco injusta a luta contra o latifúndio.

Como nos ensina Moreira (2007, p. 41) “O espaço surge na história através da organização territorial dada pelo homem à relação com seu meio”. Então, desde que o homem inicia sua saga de sobrevivência na terra começa também a conhecer a noção de espaço. Este é o local onde o ser aplica todas suas realizações e se apresenta em qualquer parte do planeta, onde existe uma passividade de análise, podendo ser classificada pelas especificidades geográficas. Quando analisamos, como por exemplo, o espaço geográfico, o local percorrido por Severino, estamos nos referindo ao conjunto de elementos naturais tais como: relevo, clima, vegetação, hidrografia entre outros. A partir dessa concatenação de estruturas e dados que se interligam, temos como resultado que cada um dos elementos depende uns dos outros para a formação do todo. O sertão, o agreste e a zona da mata apresentam características diferenciadas, formando uma seqüência que parte da dureza e sequeidão da terra e vai se transformando até chegar à maciez e umidade litorânea, estas são informações concretas sobre o nordeste brasileiro. Como o protagonista da obra analisada sai do sertão, zona rural, e vai para cidade, mister se faz apresentar um conceito da geografia cultural no que tange à significação do espaço geográfico em análise ao ser humano, que é o lugar onde os seres vivos, inclusive nós, traçam planos para viverem em comunidade, buscando laços efetivos que são intrinsecamente ligadas ao respeito ou ao temor. O conjunto de ritos religiosos e culturais forma os espaços sagrados e são exemplos de conceito que o espaço geográfico também pode ter.

A literatura brasileira, em outras épocas, focalizava sua análise crítico-espacial da realidade em que o país atravessava e isso ainda acontece nos dias atuais, em especial dentro da obra trabalhada, na delimitação da mudança do homem interiorano para a injusta luta social dos grandes centros, esta que para muitos é perdida, deixando para trás a sua morada, o cheiro, seus dons, a saudade e os bens materiais, restando-lhe a nostalgia, uma retomada e a vontade de, quem sabe um dia, voltar ao seu local de origem com um pouco mais de *vida*.

Referências

ATHAYDE, Félix de. **Idéias fixas de João de Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, Frederico. **Estudo de Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto**. Disponível em: <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsnr.html>, Acesso em 20 de agosto de 2008, 14h.

BORGES FILHO, Ozírís. **Espaço & literatura**. Introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**. Série Fundamentos. 4ª ed., São Paulo/SP: Ática, 1999.

_____. Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CLAUDINO, Salvato. **Dicionário de nomes próprios**. São Paulo: Thirê, 1993.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 5ª ed., São Paulo, Editora Global, 1999.

COSTA LIMA, Luiz. **Lira e antilira**. Mário, Drummond e Cabral. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. João Cabral. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema: ensaios e críticas e estética**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo, Contexto, 2007.
- MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. Série primeiros passos. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NUNES, Benedito. **João Cabral: a máquina do poema**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: Breve introdução a uma leitura de sua obra. In: NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- PRAZ, Mário. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Tradução de Philadelpho Menezes. Campinas: UNICAMP, 1996.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3ª ed., São Paulo, Editora Hucitec, 1994.
- _____. **Por uma nova Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 1986.
- _____. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção**. 4ª ed., 2ª reimp., São Paulo: Editora da USP, 2006.
- _____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.